



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE FISIOTERAPIA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FISIOTERAPIA**

**KALINA RAKELLY BATISTA DE ARAÚJO**

**QUALIDADE DE VIDA DE MULHERES IDOSAS COM INCONTINÊNCIA  
URINÁRIA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA**

**CAMPINA GRANDE**

**2021**

KALINA RAKELLY BATISTA DE ARAÚJO

**QUALIDADE DE VIDA DE MULHERES IDOSAS COM INCONTINÊNCIA  
URINÁRIA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) a ser apresentado na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em cumprimento às exigências para obtenção do diploma de graduação em Fisioterapia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Alecsandra Ferreira Tomaz.

**CAMPINA GRANDE  
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A658q Araújo, Kalina Rakelly Batista de.  
Qualidade de vida de mulheres idosas com incontinência urinária [manuscrito] : uma revisão integrativa / Kalina Rakelly Batista de Araujo. - 2021.  
23 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Fisioterapia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde , 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Alecsandra Ferreira Tomaz ,  
Coordenação do Curso de Fisioterapia - CCBS."

1. Incontinência urinária. 2. Qualidade de vida. 3. Envelhecimento. 4. Saúde do idoso. I. Título

21. ed. CDD 615.82

**KALINA RAKELLY BATISTA DE ARAÚJO**

**QUALIDADE DE VIDA DE MULHERES IDOSAS COM INCONTINÊNCIA  
URINÁRIA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentada à Coordenação do curso de  
Fisioterapia da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à obtenção  
do título de Bacharel em Fisioterapia.

**Orientadora: Profa. Dra. Alecsandra Ferreira Tomaz.**

Aprovada em: 27/04/2021.

**BANCA EXAMINADORA**

*Alecsandra Ferreira Tomaz*

---

Profa. Dra. Alecsandra Ferreira Tomaz. (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Raiana Fernandes Mariz Simões*

---

Profa Ms. Raiana Fernandes Mariz Simões  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Isabelle Eunice de Albuquerque Pontes Melo Fátima*

---

Profa Dra. Isabelle Eunice de Albuquerque Pontes  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A todas as mulheres que, antes de mim,  
gritaram para que pudéssemos chegar até aqui  
e realizar sonhos como este, Dedico.

## AGRADECIMENTOS

A todas as forças divinas que alinharam todos os caminhos para que eu conseguisse chegar até aqui.

À minha tia Janemary, agradeço por tudo, por tanto, e por sempre. Por de um jeito torto e único, nunca ter desistido de mim. A cada dia que passa encontro em você mais e mais referências da mulher que quero me tornar. Sem você, não sei o que teria sido de mim.

À minha avó, por todo o cuidado, pelo café de fim de tarde, pela preocupação, pelo amor, por todos os dias, por tudo.

A Flávio Fernando de Oliveira. Lembrarei sempre do carinho na cabeça, do sorriso e da sua gentileza comigo nesses últimos dois anos. Quem me dera se todas as pessoas do mundo tivessem tido a mesma honra que eu, de ter convivido com o senhor.

Ao meu pai, Joseildo, por ser uma das pessoas que tenho certeza que posso pedir ajuda a qualquer momento e que sempre estará lá por mim.

À minha amiga, Maria Rita, por cada conversa, cada conselho, por cada vez que quis desistir de tudo e você me escutou e me incentivou. Nós duas sabemos o quanto significamos uma para a outra.

Aos meus amigos, Leandro, Evellyn e Pâmela, por tantos momentos de alegria, de suporte, pela presença mesmo nos momentos de distância. Quando penso em amor de amizade, penso no que eu sinto por vocês.

As minhas amigas de curso, Andryelle, Edvania, Déborah e Mayrla, cada uma de vocês chegou no momento certo nesses anos, cada uma com um papel importante na minha formação. Vocês tornaram tudo mais fácil.

Aos professores do departamento de fisioterapia, por todo conhecimento adquirido, sonho com o dia em que serei ao menos um pouco como vocês.

Por fim, à minha orientadora e professora, Dra. Aleksandra Ferreira Tomaz, não tenho palavras para agradecer por toda atenção, compreensão e ensinamento repassado, rezo para que a cada dia que passar, eu possa ser tão humana, gentil, e iluminada quanto à senhora.

“Nosso maior medo é sermos poderosas além da medida”.

(Marianne Williamson)

## RESUMO

O processo de envelhecimento humano provoca mudanças psicológicas e corporais nas mulheres, como alterações do sistema nervoso central e periférico, hormonais, e musculares. Estas podem vir a ser uma das causas da incontinência urinária (IU) que é a condição na qual o indivíduo queixa-se da perda involuntária de urina, e a sua prevalência aumenta com a idade, sendo maior entre mulheres do que entre os homens. Compreender se a incontinência urinária afeta a qualidade de vida de idosas incontinentes. Tratou-se de uma revisão integrativa realizada em uma busca de artigos nas bases de dados da Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs), *Science Direct*, Biblioteca Nacional de Medicina dos Estados Unidos (PubMed), *Scientific Electronic Library Online* (Scielo), *Cochrane Library*, com recorte temporal dos últimos dez anos (2010-2021). Foram incluídas publicações com base nos Descritores em Ciências da Saúde (Decs), “qualidade de vida” e “incontinência urinária” e “idosos”, artigos completos, nos idiomas português, inglês ou espanhol. Foram excluídos os editoriais, cartas ao editor, estudos reflexivos, estudos de caso, relatos de experiência, revisões de literatura e publicações duplicadas. Foram encontrados 11.031 artigos, sendo 65 no Lilacs, 4.436 no Pubmed, 44 no Scielo, 6.470 no Science Direct, e 16 no Cochrane Library, dos quais, após a aplicação dos filtros correspondentes aos critérios de exclusão previamente estabelecidos, foram excluídos 5.286 documentos. A partir da leitura do título e resumo foram selecionados 8 artigos entre estes para leitura na íntegra, destes, 1 foi excluído por duplicidade, sendo a amostra final desta revisão integrativa constituída por 7 artigos. Concluiu-se que grande parte dos estudos sugere que a IU influencia negativamente na qualidade de vida das idosas entrevistadas.

**Palavras-chave:** Incontinência urinária. Qualidade de vida. Envelhecimento. Saúde do idoso.



## ABSTRACT

The human aging process causes psychological and bodily changes in women, such as changes in the central and peripheral nervous system, hormonal, and muscle. These may turn out to be one of the causes of urinary incontinence (UI), which is the condition in which the individual complains about the involuntary loss of urine, and its prevalence increases with age, being higher among women than among men. To understand if urinary incontinence affects the quality of life of incontinent elderly women. This was an integrative review carried out in a search for articles in the databases of Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences (Lilacs), Science Direct, United States National Library of Medicine (PubMed), Scientific Electronic Library Online (Scielo), Cochrane Library, with a time frame of the last ten years (2010-2021). Publications based on Health Sciences Descriptors (Decs), "quality of life" and "urinary incontinence" and "elderly", full articles, in Portuguese, English or Spanish, were excluded. Editorials, letters to the editor, reflective studies, case studies, experience reports, literature reviews and duplicate publications. 11,031 articles were found, 65 in Lilacs, 4,436 in Pubmed, 44 in Scielo, 6,470 in Science Direct, and 16 in Cochrane Library, of which, after applying the filters corresponding to the previously established exclusion criteria, 5,286 documents were excluded. From reading the title and summary, 8 articles were selected from among them for reading in full, of these, 1 was excluded due to duplicity, being the sample end of this integrative review consisting of 7 articles. Most studies suggest that UI has a negative influence on the quality of life of the elderly women interviewed.

**Keywords:** Urinary incontinence. Quality of life. Aging. Elderly health.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>13</b>
<b>3</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>14</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>20</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>21</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A qualidade de vida é a percepção do grau de satisfação que o indivíduo possui sobre a sua posição na vida dentro do contexto de sua cultura e sistema de valores onde vive e em relação a seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações, incorporando dentro deste conceito a saúde física, o estado psicológico, a realização pessoal, o nível de dependência, as relações sociais, crenças e a relação do indivíduo com o ambiente em que se vive, assim influenciando o seu padrão de bem-estar (MOTA; OLIVEIRA; BATISTA, 2017). Tal percepção pode ser alterada pelo processo de envelhecimento que, apesar de ser fisiológico, pode resultar na maior vulnerabilidade de doenças, interferindo na autonomia, mobilidade, destreza manual e lucidez do indivíduo (PESSOA, 2018).

Em 2019 existia cerca de 20 milhões de indivíduos com 65 anos ou mais e, em 2050 este número chegará a 50 milhões, sendo assim, um em cada seis brasileiros será idoso (ONU, 2019). Isto é uma consequência do processo de transição demográfica que vem ocorrendo no Brasil desde 1950, no qual o país passou de uma sociedade majoritariamente rural e tradicional, com famílias numerosas e risco de morte na infância, a uma sociedade predominantemente urbana, com redução da taxa de natalidade e crescimento na expectativa de vida (VASCONCELOS; GOMES, 2012).

Entre os principais elementos que contribuíram para o envelhecimento populacional destaca-se a queda da taxa de natalidade, que se iniciou em meados dos anos 60, e foi impulsionada pela urbanização crescente, a melhoria do nível educacional das mulheres, sua maior participação no mercado de trabalho, e a ampliação do uso de métodos contraceptivos (OLIVEIRA-FILHO; SOUZA, 2016).

Seguindo esta perspectiva, criou-se instituições de práticas de saúde com o objetivo de alastrar o controle populacional, sendo assim, informações sobre saúde reprodutiva foram vastamente disseminadas, com a pretensão de normatizar ações voltadas para cada etapa do ciclo vital feminino, reunindo princípios da atenção preventiva e dos cuidados curativos, além da inserção de atividades de planejamento familiar. No entanto, apenas com o desenvolvimento do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM), nos anos 1980, a mulher foi inserida como um sujeito de direitos, com necessidades de saúde e de individualidade própria, deixando assim de enxergar apenas a sua capacidade de gestação e o binômio mãe-bebê (BOTTOM, CUNICO, STREY, 2017; COSTA et al, 2013; MACHIN et al, 2011).

O processo de envelhecimento pode desencadear mudanças psicológicas e corporais nas mulheres, como alterações do sistema nervoso central e periférico, hormonais, e musculares. Estas podem vir a ser uma das causas da incontinência urinária (IU) que, segundo a Sociedade Internacional de Incontinência (ICS) é a condição na qual o indivíduo queixa-se da perda involuntária de urina, e a sua prevalência aumenta com a idade, sendo maior entre mulheres do que entre os homens (JUSTINA, 2013; MARQUES, 2016).

A incontinência urinária pode ser causada por hipoestrogenismo, deformidades pélvicas, atrofia dos músculos e tecidos, ou algum comprometimento funcional do sistema nervoso e circulatório, que pode reduzir a elasticidade e contratilidade da bexiga. Deve-se ressaltar que na mulher, alguns fatores predisõem ao aparecimento de distúrbios urinários, como a história obstétrica e ginecológica, menores níveis de estrógeno na pós-menopausa, as práticas de atividades físicas e a própria musculatura do assoalho pélvico feminino, visto que as contrações involuntárias da musculatura vesical e o volume residual pós-miccional aumentam com a idade em ambos os sexos, porém a pressão máxima de fechamento uretral, o comprimento uretral e as células da musculatura estriada do esfíncter sofrem mais alterações nas mulheres (JUSTINA, 2013; MARQUES, 2016).

A perda involuntária de urina pode ser transitória ou persistente. Esta última é compreendida como aquela que não é causada por nenhuma comorbidade existente, não é decorrente do efeito colateral de alguma droga e persiste por pelo menos 3 meses, e pode ser classificada de acordo com os eventos causadores, existindo assim, a incontinência urinária de esforço, que é a perda de urina ao esforço físico, a incontinência urinária de urgência, quando há o desejo repentino e forte de urinar sem a capacidade de controlar o mecanismo de micção, e a incontinência urinária mista, que é a associação dos dois primeiros tipos citados (COSTA, 2018; JUSTINA, 2013).

Cerca de 50 milhões de pessoas no mundo são atingidas pela incontinência urinária atualmente, podendo chegar em uma prevalência média de 39% de mulheres afetadas e 21% de homens, o que seria uma proporção de duas mulheres para cada homem, sendo assim, é considerada uma epidemia silenciosa que afeta majoritariamente as mulheres e destas, 30% têm convivência comunitária e até 50% são residentes de instituições de longa permanência, o que evidencia o fato da prevalência se elevar com o aumento da idade, sendo mais presente em indivíduos com 75 anos ou mais (LOUREIRO et al, 2011).

Embora não coloque diretamente a vida das mulheres em risco, a incontinência urinária não está relacionada somente a comprometimentos físicos, podendo também gerar consequências relevantes em aspectos psicossociais, deteriorando significativamente a qualidade de vida ao limitar sua autonomia e reduzir sua autoestima, no entanto, o impacto dos sintomas está relacionado à percepção individual de cada mulher frente à severidade, tipo e quantidade da perda de urina (MELO et al, 2012).

No quadro clínico de mulheres com IU, observa-se problemas de ordem social, ocupacional e sexual como isolamento, depressão, ansiedade, estresse emocional, insatisfação sexual, constrangimento social, baixo desempenho profissional e perda da autoestima; estes efeitos psicossociais podem ser mais devastadores que as consequências sobre a saúde física, podendo afetar atividades diárias, a interação social e a auto percepção do estado de saúde (MELO et al, 2012).

Pitangui, Silva e Araújo (2012) entrevistaram 40 idosas institucionalizadas e aplicaram o *King's Health Questionnaire* (KHQ), que avalia o impacto da incontinência urinária em diferentes aspectos da qualidade de vida, e observaram que 47,50% da amostra apresentava IU e, apesar dos resultados do KHQ não apresentarem valores significativos, através do domínio “percepção geral”, concluíram que a incontinência urinária afeta consideravelmente a qualidade de vida desta população, e esta, por desconhecimento, acaba por conviver com a queixa como algo advindo do envelhecimento.

Pedro et al (2011) aplicaram um questionário sobre qualidade de vida em 43 idosas com IU atendidas no ambulatório de urologia de um hospital de ensino de São José do Rio Preto-SP e, corroborando o estudo citado anteriormente, verificaram que muitos aspectos da qualidade de vida da maioria destas mulheres foram afetados pela patologia, sendo alto o grau de queixas quanto à repercussão da incontinência urinária nas atividades de vida diária.

Padilha et al (2018) destacaram o fato de que uma limitação aos estudos acerca da qualidade de vida de mulheres incontinentes é o constrangimento que muitas sentem em responder a respeito da própria situação de perdas urinárias, não conseguindo referir-se a estas com propriedade, veracidade e detalhe. Isto ocorre devido ao fato que a incontinência urinária é uma condição estigmatizante para muitas populações e pode ser erroneamente interpretada como parte natural do envelhecimento, o que leva a não procura por auxílio profissional pelos pacientes, dificultando o diagnóstico (SABOIA et al, 2017).

Portanto, diante do que foi mencionado, com o aumento da expectativa de vida das mulheres e a maior incidência de patologias geriátricas femininas, como a incontinência urinária, é necessária maior investigação sobre como as mulheres percebem a presença da IU e suas repercussões em sua qualidade de vida. Sendo assim, este estudo teve como objetivo verificar se a incontinência urinária afeta a qualidade de vida de idosas incontinentes através de uma revisão integrativa da literatura.

## 2 METODOLOGIA

O presente estudo tratou-se de uma revisão integrativa, que consiste na construção de uma investigação ampla da literatura pertinente à temática proposta onde se busca, com base em estudos anteriores, a compreensão aprofundada de um fenômeno, e pode tornar os resultados de pesquisas mais acessíveis, pois reduz alguns obstáculos da utilização do conhecimento científico e possibilita ao leitor o acesso a diversas pesquisas realizadas em um único estudo (GOMES et al., 2013; NICOLUSSI et al., 2012).

Para o alcance dos objetivos propostos, o desenvolvimento deste estudo foi dividido nas seguintes etapas: identificação da questão norteadora da pesquisa; seleção dos artigos estudados (amostragem); categorização dos estudos; definição das informações extraídas das publicações revisadas; avaliação e interpretação dos resultados da pesquisa.

Assim, com o intuito de concluir a primeira etapa do delineamento deste estudo, foi estabelecida a pergunta norteadora: “A incontinência urinária afeta a qualidade de vida das idosas incontinentes?” Acrescentou-se as seguintes informações a serem extraídas dos artigos selecionados (objetivos): como o artigo definiu a incontinência urinária; os tipos de incontinência urinária estudados pelo artigo; quais foram os instrumentos aplicados para investigar a qualidade de vida da amostra; e quais foram os resultados destas investigações.

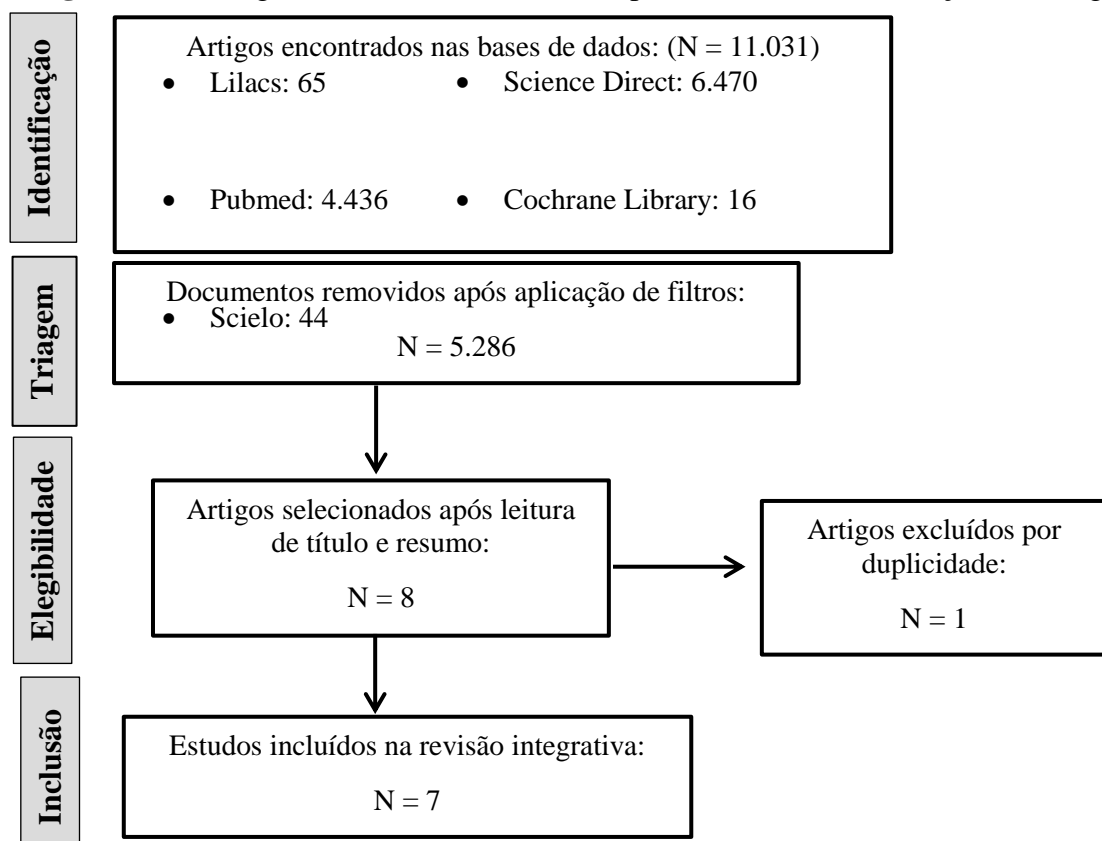
Como fonte de levantamento de estudo foram realizadas buscas na base de dados da Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs), *Science Direct*, Biblioteca Nacional de Medicina dos Estados Unidos (PubMed), *Scientific Eletronic Library Online* (Scielo), *Cochrane Library*, com base nos Descritores em Ciências da Saúde (Decs), em português e em inglês: “qualidade de vida” (quality of life) e “incontinência urinária” (urinary incontinence) e “idosos” (elderly), que foram combinados pelo operador booleano qualidade de vida AND incontinência urinária AND idosos; quality of life AND urinary incontinence AND elderly.

Os critérios de inclusão adotados foram: publicações que retratassem a temática (qualidade de vida de mulheres idosas incontinentes), artigos completos, nos idiomas português, inglês ou espanhol, publicados no período de 2010 a 2021. Foram excluídos os editoriais, cartas ao editor, estudos reflexivos, estudos de caso, relatos de experiência, revisões de literatura e publicações duplicadas.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A procura pelos estudos foi realizada em março de 2021, simultaneamente nas cinco bases de dados e nestas, identificaram-se no total 11.031 artigos, sendo 65 no *Lilacs*, 4.436 no *Pubmed*, 44 no *Scielo*, 6.470 no *Science Direct*, e 16 no *Cochrane Library*, dos quais, após a aplicação dos filtros correspondentes aos critérios de exclusão previamente estabelecidos, foram excluídos 5.286 documentos.

**Figura 1** – Fluxograma PRISMA referente ao processo de busca e seleção dos artigos.



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

A partir da leitura do título e resumo foram selecionados para leitura na íntegra 8 (oito) artigos que tratavam da temática e população previamente estabelecida, 1 (um) foi excluído por duplicidade, sendo a amostra final desta revisão integrativa constituída por 7 (sete) artigos.

Para demonstração de todo o processo de identificação, triagem, seleção e inclusão dos documentos utilizados, elaborou-se um fluxograma (Figura 1) baseado no protocolo Principais Itens para Relatar Revisões sistemáticas e Meta-Análises (PRISMA), cujo objetivo



é ajudar os autores a melhorarem o relato de revisões sistemáticas, meta-análises e outros tipos de pesquisa (GALVÃO; PANSANI; HARRAD, 2015).

Os quadros 1 e 2 apresentam as principais informações que foram coletadas dos documentos revisados, de acordo com os objetivos desta pesquisa, sendo o quadro 1 referente à caracterização geral dos artigos, envolvendo dados da amostra, faixa etária, tipo de estudo e tipo de incontinência e o quadro 2 correspondente aos objetivos dos estudos, instrumentos utilizados e os resultados aos quais chegaram.

**Quadro 1** – Apresentação dos dados relacionados à amostra, faixa etária, tipo de estudo e tipo de incontinência dos artigos selecionados.

AUTOR/ ANO	AMOSTRA	FAIXA ETÁRIA	TIPO DE ESTUDO	TIPO DE INCONTINÊNCIA
PADILHA et al (2018)	N= 44	Média: 67,09	Observacional de caráter transversal, com abordagem quantitativa.	Esforço: 20 (45,45%), Urgência: 7 (15,90%), Mista: 17 (38,63%)
SILVA et al (2017)	N= 11	Média: 64	Método misto e intervencionista.	Esforço: 8 (72,73%), Urgência: 3 (27,2%)
SANTOS (2013)	N= 194	Média: 70,62	Epidemiológico, descritivo, exploratório, com corte transversal.	Urgência: 146 (75,3%) Esforço: 134 (69,1%) Mista: 99 (53,09%)
MURUKESU et al (2019)	N= 814	Média: 71,7	Análise secundária da terceira fase do estudo longitudinal maior “Modelo Neuroprotetor para Longevidade em Saúde entre Idosos da Malásia” (LRGS TUA).	Não informado.
CARVALHO et al (2014)	N= 132	Média: 72,5	Transversal.	Esforço: 18 (33,3%) Urgência: 15 (27,7%) Mista: 21 (38,8%)
PITANGUI; SILVA; ARAÚJO, (2012)	N= 40	Média: 74,97	Transversal com abordagem descritiva.	Não informado.
FARIA et al (2014)	N= 66	Média: 70,5	Observacional descritivo.	Mista: 11 (55%) Bexiga hiperativa: 8 (25%) Esforço: 3 (15%)

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Foram analisados 7 (sete) artigos na íntegra, entre estes, 2 (dois) estudos (14%) foram publicados no ano de 2014, constituindo assim uma maioria. No que se refere às modalidades dos estudos, ressaltou-se que os documentos selecionados possuíam metodologia variante, onde a maior parte (42,86%) era de caráter transversal.

Ao total, os estudos possuíam uma amostra de 1.301 participantes, com idade média total de 69,71 anos, onde, no total dos dados informados, constatou-se que a IU de maior prevalência foi a Incontinência Urinária de Esforço (IUE), com 183 (14,07%) possuintes

(CARVALHO et al, 2014; FARIA et al, 2014; PADILHA et al, 2018; SILVA et al, 2017; SANTOS, 2013), seguida pela Incontinência Urinária de Urgência (IUU), 171 (13,14%) (CARVALHO et al, 2014; PADILHA et al, 2018; SILVA et al, 2017; SANTOS, 2013), a Incontinência Urinária Mista (IUM), 148 (11,38%) (CARVALHO et al, 2014; FARIA et al, 2014; PADILHA et al, 2018; SANTOS, 2013), e 8 (0,61%) afirmaram possuir Bexiga Hiperativa (FARIA et al, 2014). 2 (dois) estudos (MURUKESU et al, 2019; PITANGUI; SILVA; ARAÚJO, 2012) não informaram os tipos de IU apresentados pelos participantes.

Segundo Torrealba e Oliveira (2010), a IUU é o tipo mais encontrado em idosos de ambos os sexos; entretanto, nas mulheres idosas o segundo tipo mais prevalente é a IUE, seguida pela IUM, o que diverge dos resultados anteriormente citados (CARVALHO et al, 2014; FARIA et al, 2014; PADILHA et al, 2018; SILVA et al, 2017; SANTOS, 2013). No entanto, Virtuoso, Mazo e Menezes (2012) avaliaram 209 idosas praticantes e não praticantes de exercício físico e observaram que o tipo de IU mais encontrado em toda a amostra foi a IUE, seguido pela IUU e por último, a IUM, o que corrobora com os dados analisados nos documentos revisados (CARVALHO et al, 2014; FARIA et al, 2014; PADILHA et al, 2018; SILVA et al, 2017; SANTOS, 2013).

**Quadro 2** – Apresentação dos dados relacionados aos objetivos dos estudos, instrumentos utilizados e os resultados aos quais chegaram.

<b>AUTOR/ ANO</b>	<b>OBJETIVO DO ESTUDO</b>	<b>INSTRUMENTOS UTILIZADOS</b>	<b>RESULTADOS</b>
PADILHA et al (2018)	Investigar a qualidade de vida de mulheres com IU por meio de dois instrumentos distintos.	<i>King's Health Questionnaire (KHQ) e International Consultation on Incontinence Questionnaire – Short Form (ICIQ-SF).</i>	A IU influencia negativamente a QV.
SILVA et al (2017)	Caracterizar o perfil e prevalência dos tipos de IU em idosas e avaliar sua QV pré e pós programa de treino de fortalecimento da musculatura pélvica.	<i>Gaudenz-Fragebogen Questionnaire e King's Health Questionnaire (KHQ).</i>	A IU prejudica as atividades diárias, físicas e sono, afetando assim, a QV.
SANTOS (2013)	Avaliar a QV de idosas com IU.	<i>King's Health Questionnaire (KHQ) e International Consultation on Incontinence Questionnaire – Short Form (ICIQ-SF).</i>	A IU, especialmente a de urgência, teve impacto negativo na QV das idosas.
MURUKESU et al (2019)	Investigar a prevalência e os fatores de risco da IU e seu impacto na QV entre as mulheres idosas residentes em populações urbanas e rurais.	<i>King's Health Questionnaire (KHQ).</i>	Idosas de áreas rurais relataram maiores limitações físicas, sociais, emocionais e dificuldades no sono, comparadas às mulheres de áreas urbanas.

CARVALHO et al (2014)	Identificar a prevalência de IU e fatores associados em idosas da comunidade.	<i>International Consultation on Incontinence Questionnaire – Short Form (ICIQ-SF).</i>	O impacto da IU na QV foi considerado ausente ou leve pela maioria das idosas.
PITANGUI; SILVA; ARAÚJO, (2012)	Determinar a prevalência de IU em idosas institucionalizadas e verificar sua influência na QV.	<i>King’s Health Questionnaire (KHQ).</i>	A IU afeta consideravelmente a QV da população estudada, embora esta perceba como inerente ao envelhecimento, não percebendo seu impacto na QV.
FARIA et al (2014)	Estimar a prevalência de IU, de seus subtipos, e do sintoma de noctúria, e avaliar o impacto dessas condições sobre a QV em uma população de idosas.	<i>King’s Health Questionnaire (KHQ) e International Consultation on Incontinence Questionnaire – Short Form (ICIQ-SF).</i>	Houve comprometimento da QV da população de idosas incontinentes.

**Fonte:** Dados da pesquisa, 2021. **LEGENDA:** IU – Incontinência urinária; QV – Qualidade de vida.

Todos os artigos revisados definiram a incontinência urinária como qualquer perda involuntária de urina, no entanto, Murukesu et al (2019) acrescentaram que a IU é uma das principais causas de problemas de saúde na velhice e muitas vezes é percebida como um problema de saúde característico apenas das mulheres. Carvalho et al (2014) e Pitangui, Silva e Araújo (2012) destacaram o problema de saúde pública, social e higiênico que a IU representa.

No que diz respeito ao tipo de instrumento aplicado, 87,71% (n= 6) (PADILHA et al, 2018; SILVA et al, 2017; SANTOS, 2013; MURUKESU et al, 2019; PITANGUI; SILVA; ARAÚJO, 2012; FARIA et al, 2014) dos artigos utilizaram o *King’s Health Questionnaire (KHQ)*, cuja finalidade é avaliar o impacto que a IU causa na vida dos indivíduos, é composto por 21 questões e possui oito componentes que analisam a qualidade de vida dos entrevistados: a percepção geral de saúde, o impacto da incontinência, as limitações de atividades diárias, as limitações físicas, as limitações sociais, as relações familiares, as emoções, o sono e disposição. O KHQ é pontuado em cada uma das suas respostas, sendo os valores somados e avaliados em cada um dos oito domínios, portanto não há pontuação geral. As pontuações dos componentes variam entre 0 e 100, e quanto maior a pontuação obtida, pior é considerada a qualidade de vida do indivíduo naquele domínio (RODRIGUES, 2011). Além disso, detém de uma sub-escala, independente das restantes, que avalia a gravidade da IU, e foi validado e adaptado na língua portuguesa para mulheres com incontinência urinária de esforço por Rodrigues (2011).

Dentre os documentos revisados, 57,14% (n= 4) (PADILHA et al, 2018; SANTOS, 2013; CARVALHO et al, 2014; FARIA et al, 2014) aplicaram o *International Consultation on Incontinence Questionnaire – Short Form (ICIQ-SF)*, validado por Tamanini et al (2004), que constitui-se de um questionário auto administrável que possui o objetivo de avaliar o impacto da IU na qualidade de vida e a qualificação da perda urinária dos entrevistados, e é composto de quatro questões que avaliam a frequência, a gravidade e o impacto da IU, incluindo um conjunto de oito itens de autodiagnostico, correlacionados às causas ou situações de incontinência urinária que os entrevistados vivenciaram (CARVALHO et al, 2014).

A interferência da perda urinária na vida diária dos avaliados do ICIQ-SF varia de 0 (não interfere) a 10 (interfere muito), sendo assim, o impacto da IU na QV é classificado em cinco categorias: nada (0), leve (1-3), moderado (4-6), grave (7-9) e muito grave (10). O escore deste questionário é contabilizado pela soma de todas as questões, oscilando de 0 a 21 e, quanto maior esse escore, maior é a severidade da perda urinária e o seu impacto na qualidade de vida (CARVALHO et al, 2014).

Vale ressaltar que 3 (42,86%) (FARIA et al, 2014; SANTOS, 2013; PADILHA et al, 2018) artigos utilizaram o KHQ e o ICIQ-SF como instrumentos de estudo, 2 (28,57%) aplicaram apenas o KHQ (MURUKESU et al, 2019; PITANGUI; SILVA; ARAÚJO, 2012), Carvalho et al (2014) utilizaram apenas o ICIQ-SF, e Silva et al (2017) empregaram o KHQ e o *Gaudenz-Fragebogen Questionnaire*, sendo este último validado por Oliveira e Lopes (2016) e composto por 16 itens, que resultam em dois escores finais: Urge-Escore que pontua a incontinência de urgência, e o Escore de Estresse, que pontua a incontinência de esforço (OLIVEIRA; LOPES, 2016).

Evidencia-se que Santos (2013) mensurou o impacto da IU na QV das entrevistadas a partir do ICIQ-SF onde obteve-se o escore médio de 10,22, que classificou o impacto como muito grave. Isto contrasta com o resultado alcançado por Carvalho et al (2014), que apresentou um escore de 7,61 no ICIQ-SF, concluindo que o impacto da IU na QV era leve ou inexistente, o que foi explicado pelos autores como sendo causado pela possibilidade de que a IU das idosas estivesse em estágio inicial e não interferia na vida das mulheres.

Murukesu et al (2019), ao aplicarem o KHQ concluíram que, quando comparadas às mulheres residentes de áreas urbanas, as de áreas rurais relataram maiores limitações físicas, sociais, emocionais e dificuldades no sono devido à incontinência urinária algumas das

justificativas à isso apontadas pelos autores seria que a vida social possui um papel mais importante na vida das mulheres de áreas rurais que nas de populações urbanas e, por a IU afetar a sua sociabilidade, esse quesito lhes causa mais sofrimento além de possuírem um nível educacional mais baixo, o que leva a uma menor compreensão do impacto negativo da IU na qualidade de vida e um menor interesse na busca pelo tratamento.

Pitangui, Silva e Araújo (2012) também observaram baixos escores nos domínios de qualidade de vida do KHQ aplicado nas mulheres idosas, e reafirmaram o quanto o desconhecimento implica na percepção da IU pela população, pois, por possuir um baixo grau de escolaridade, acaba convivendo com a IU como algo intrínseco ao processo de envelhecimento. Pedro et al (2011) e Henkes et al (2015) encontraram achados que concordam com o que foi citado anteriormente, justificando que as pacientes não procuram tratamento para a IU pelo constrangimento que sentem pela doença e pela crença de que a IU é um processo normal à idade.

Como limitações desta revisão, pode-se estimar a pouca quantidade de estudos científicos disponíveis nas bases de dados utilizadas que abordem especificamente a população feminina, idosa, e incontinente, tendo em vista que a maioria do total dos estudos encontrados tratava-se de ambos os sexos.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta revisão integrativa, concluiu-se que a incontinência urinária é uma condição altamente presente na população feminina idosa, especialmente a incontinência urinária de esforço, cuja taxa de prevalência total nos estudos revisados foi de 14,07%. O questionário mais utilizado pelos pesquisadores foi o *King's Health Questionnaire*, sendo aplicado em 87,71% dos artigos.

Grande parte dos estudos concluiu que a IU influencia negativamente na qualidade de vida das idosas entrevistadas, e evidenciaram que a pouca disseminação de informação sobre a incontinência urinária acaba por provocar um constrangimento nas portadoras, o que dificulta a procura por tratamento adequado.

Faz-se necessário um maior número de estudos científicos sobre o tema, tendo em vista que a maioria dos artigos disponíveis tratava de uma população de ambos os sexos, e apenas uma pouca quantidade destes abordaram especificamente a amostra constituída por mulheres idosas e incontinentes. É importante também, que haja um maior debate nos meios de comunicação em relação à IU a fim de minimizar o tabu existente a respeito da temática, estimulando a melhor compreensão da possibilidade de tratamento, além disso, um maior investimento por parte do governo em medidas de prevenção, diagnóstico e tratamento, com a finalidade de amenizar os impactos da IU e melhorar a qualidade de vida das mulheres idosas.

## REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Maitê Peres et al. O impacto da incontinência urinária e seus fatores associados em idosa. **Rev. bras. geriatr. gerontol.**, Rio de Janeiro, vol. 17, n. 4, p. 721-730, out./dez., 2014.
- COSTA, Alcione et al. História do planejamento familiar e sua relação com os métodos contraceptivos. **Rev. Baiana de Saúde Pública**, Bahia, vol. 37, n. 1, p. 74-86, jan./mar., 2013.
- COSTA, Joyce da Silva. **Prevalência de incontinência urinária, incontinência anal, dupla incontinência e impactos na qualidade de vida de mulheres atendidas em um ambulatório especializado de uroginecologia**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.
- FARIA, Carlos Augusto et al. Incontinência urinária e noctúria: prevalência e impacto sobre qualidade de vida em idosas numa Unidade Básica de Saúde. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, vol. 17, n. 1, p. 17-25, 2014.
- GALVÃO, T. F.; PANSANI, T. S. A.; HARRAD, D. Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, vol. 24, n. 2, p. 335-342, 2015.
- GOMES, Ana Gabriela Pereira et al. Impacto da incontinência urinária na qualidade de vida de mulheres. **Revista Baiana de Enfermagem**, Salvador, vol. 27, n. 2, p. 181-192, maio/ago. 2013.
- HENKES, Daniela Fernanda et al. Incontinência urinária: o impacto na vida de mulheres acometidas e o significado do tratamento fisioterapêutico. **Semina: Ciências biológicas e da saúde**, Londrina, vol. 36, n. 2, p. 45-56, jul./dez., 2015.
- JUSTINA, Lunara Basqueroto Della. Prevalência de incontinência urinária feminina no Brasil: uma revisão sistemática. **Rev. Inspirar**, Santa Catarina, vol. 5, n. 2, p. 1-7, jun./jul., 2013.
- LOUREIRO, Lara de Sá Neves et al. Incontinência urinária em mulheres idosas: determinantes, consequências e diagnósticos de enfermagem. **Rev. da Rede de Enfermagem do Nordeste**, Fortaleza, vol. 12, n. 2, p. 417-423, Abril-Jun., 2011.
- MACHIN, Rosana et al. Concepções de gênero, masculinidade e cuidados em saúde: estudo com profissionais de saúde da atenção primária. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, vol. 16, n. 11, nov., 2011.
- MARQUES, Sidriane Rodrigues. Tratamento fisioterapêutico na incontinência urinária em idosas. **Rev. Saúde Integrada**, Rio Grande do Sul, vol. 9, n. 17, 2016.

MELO, Bruna Evellyn Souza et al. Correlação entre sinais e sintomas de incontinência urinária e autoestima em idosas. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, vol. 15, n. 1, p. 41-50, 2012.

MOTA, R. S. M.; OLIVEIRA, M. L. M. C; BATISTA, E. C. Qualidade de vida na velhice: uma reflexão teórica. **Revista Communitas**, Rio Grande do Sul, vol. 1, n. 1, p. 47-57, jan.-jun., 2017.

NICOLUSSI, Adriana Cristina et al. Qualidade de vida em idosos que sofreram quedas: revisão integrativa da literatura. **Ciência & Saúde Coletiva**, São Paulo, vol. 17, n. 3, p. 723-730, 2012.

OLIVEIRA, L. D. R. de; LOPES, M. H. B. M. Validação da versão brasileira do Gaudenz-Fragebogen: utilizado para o diagnóstico diferencial da incontinência urinária feminina. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, vol. 20, n. 2, abr./jun., 2016.

OLIVEIRA-FILHO, E. C.; SOUZA, L. G. de S. C. N. de. **Causas e consequências da redução da taxa de fecundidade no Brasil**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Enfermagem do Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2017.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais. Dinâmica Populacional. Perspectivas da População Mundial 2019**. Disponível em: <https://population.un.org/wpp/2019>. Acesso em: 17 de Agosto de 2020.

PADILHA, Juliana Falcão et al. Investigação da qualidade de vida de mulheres com incontinência urinária. **Arq. Cienc. Saúde UNIPAR**, Umuarama, v. 22, n. 1, p. 43-48, jan./abr., 2018.

PEDRO, Alana Fernandes et al. Qualidade de vida de mulheres com incontinência urinária. **Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.**, São Paulo, vol.7, n. 2, p. 63-70, maio-ago., 2011.

PESSOA, Juliana da Costa Santos. **Desenvolvimento de um protótipo para apoio à decisão do fisioterapeuta no cuidado do idoso**. 2018. Tese de doutorado – Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2018.

PITANGUI, A. C. R.; SILVA, R. G.; ARAÚJO, R. C. Prevalência e impacto da incontinência urinária na qualidade de vida de idosas institucionalizadas. **Rev. bras. geriatr. Gerontol**, Rio de Janeiro, vol. 15, n. 4, out./dez., 2012.

RODRIGUES, Soraia Filipa Nicola Martins. **Estudo de Adaptação e Validação do King's Health Questionnaire a Mulheres com Incontinência Urinária de Esforço**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade do Porto, Porto, 2011.

SABOIA, Dayana Maia et al. Impacto dos tipos de incontinência urinária na qualidade de vida de mulheres. **Rev. esc. enferm.**, São Paulo, vol. 51, n. 3, p. 2, dez., 2017.

SANTOS, Kamyla Félix Oliveira dos. **Qualidade de vida de idosas com incontinência urinária**. 2013. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal da Paraíba,



Paraíba, 2013.

SILVA, Luzia Wilma Santana et al. Fisioterapia na incontinência urinária: olhares sobre a qualidade de vida de mulheres idosas. **Revista Kairós - Gerontologia**, São Paulo, vol. 20, n.1, p. 221-238, 2017.

TAMANINI, José Tadeu Nunes et al. Validação para o português do “International Consultation on Incontinence Questionnaire - Short Form” (ICIQ-SF). **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, vol. 38, n. 3, p. 438-44, 2004.

TORREALBA, F. C. M; OLIVEIRA, L. D. R. Incontinência urinária na população feminina de idosas. **Ensaio e Ciência: Ciências Biológicas, Agrárias e da Saúde**, Campo Grande, vol. 14, n. 1, p. 159-175, 2010.

VASCONCELOS, A. M. N.; GOMES, M. M. F. Transição demográfica: a experiência brasileira. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, vol. 21, n. 4, p. 539-548, out./dez., 2012.

VIRTUOSO, J. F.; MAZO, G. Z.; MENEZES, E. C. Prevalência, tipologia e sintomas de gravidade da incontinência urinária em mulheres idosas segundo a prática de atividade física. **Fisioter. mov.**, Curitiba, vol. 25, n. 3, p. 571-582, jul./set., 2012.